

Junte-se a muitas cooperativas que já estão usando o SomosCoop.



Quanto mais cooperativas aderirem, mais alcance, mais oportunidades, mais resultados. Carimbo SomosCoop. Juntos por mais histórias de sucesso.

Sua cooperativa também já faz parte do movimento? Compartilhe com a gente.



Números desta edição

25
cooperativas

foram citadas nesta revista. Juntas, elas abrangem as cinco regiões do Brasil e outros três países: Estados Unidos, Canadá e Inglaterra.

ramos do cooperativismo estão representados: Crédito, Saúde, Agronegócio, Trabalho, Produção e Transportes.

COMO ACESSAR OS RECURSOS MULTIMÍDIA



Tendo o aplicativo QR Code instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código.
Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo.

REVOLUÇÃO em curso

Amigo cooperativista

Nesta edição, queremos dividir com você um pouco do que aconteceu no 14° Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC), realizado em maio, em Brasília. Foi um evento fantástico em todos os aspectos. Primeiro, no âmbito organizacional, pois ele foi 100% idealizado aqui dentro, na Casa do Cooperativismo.

Construímos um evento direcionado por seis eixos temáticos transformados em seis reportagens que refletem os desejos das 1.300 cooperativas que estiveram no 14° CBC. Cada uma delas aborda os caminhos para o cooperativismo crescer, relacionados aos seguintes temas: comunicação; governança e gestão; inovação; intercooperação; mercado e representação.

Ao folhear as páginas da nossa revista, você encontrará histórias inspiradoras, ideias inovadoras e exemplos de boas práticas capazes de gerar resultados sustentáveis para nossas cooperativas e, principalmente, felicidade para as pessoas. Exatamente como aconteceu durante os dois dias do 14º CBC. Nesse curto período, descobrimos que existe uma revolução em curso dentro do nosso movimento. Nossos cooperados

querem o novo, querem ampliar a presença das mulheres e dos jovens nas cooperativas, querem se ver representados nos Três Poderes, querem ganhar o mundo E tudo isso está apontado nas diretrizes estratégicas escolhidas por eles como prioritárias para o futuro do cooperativismo.

Por fim, aproveito esse espaço para agradecer a todos os colaboradores do Sistema OCB, que se empenharam muito para realizar esse evento. Essa dedicação tem um valor muito grande para mim, pessoalmente, como presidente da instituição. Nesse 14° CBC, tive mais uma vez a certeza de que o cooperativismo está muito bem representado. Cada profissional da minha equipe não apenas veste a camisa do nosso movimento, como também compartilha dos nossos valores e propósitos. E isso me orgulha muito.

Tomara que venham outros congressos, maiores e melhores, nos próximos anos. Mas o 14° CBC foi, sem dúvida, o maior e o melhor já realizado até hoje na história do cooperativismo.

Boa leitura!

MÁRCIO LOPES DE FREITASPresidente do Sistema OCB





ANO VIII • Nº 26 • ABR/MAI/JUN 2019 ISSN 2317-5109

SESCOOP CONSELHO NACIONAL

Márcio Lopes de Freitas - presidente

REPRESENTANTES OCB

Região Centro-Oeste

- · Celso Ramos Régis titular
- · Remy Gorga Neto suplente

Regiões Norte e Nordeste

- · Ricardo Benedito Khouri titular
- · Malaquias Ancelmo de Oliveira suplente

Região Sudeste

- · Ronaldo Ernesto Scucato titular
- · Carlos André Santos de Oliveira suplente

Região Sul

- · Luiz Vicente Suzin titular
- · Leonardo Boesche suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

- · João Edilson de Oliveira titular
- · Luizita Fonseca Leite Pina suplente

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

· Fernando Henrique Kohlmann Schwanke - titular

Ministério da Economia

- Alberto Alves Silva de Oliveira titular
- · Andréia Lúcia Araújo da Crus de Carvalho suplente
- Dênio Aparecido Ramos titular
- · Alex Pereira Freitas suplente
- · Thaisis Barboza de Souza titular
- Roberta Carolina Rios Bosco Soares suplente
- · Carlos Felipe Alencastro F. de Carvalho titular
- Joel Amaral Júnior suplente

CONSELHO FISCAL DO SESCOOP REPRESENTANTES DA OCB

- · José Arilo Carneiro Pereira titular
- · Ary Célio de Oliveira suplente
- · André Pacelli Bezerra Viana titular
- Jeferson Adonias Smaniotto suplente

Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas

· Evaristo Lunz Gomes - titular

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- · Paula Lobo Ferreira de Assis titular
- · Juliana Felício dos Santos suplente

Ministério da Economia

- · Ricardo da Costa Nunes titular
- · Luciana Maria Rocha Moreira suplente
- Alessandro Roosevelt Silva Ribeiro titular
- Rogério Nagamine Costanzi suplente

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop) órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

Gerente de Comunicação:

Daniela Lemke

Conselho Editorial:

Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria José de Andrade Leão, Renato Nobile, Rosana Vargas, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável: Gisele James

Colaboração: Gabriela Prado, Aurélio Prado, Ana Suelen Troiano e lago Carvalho

Projeto editorial: Farol Conteúdo Inteligente

Edição: Guaíra Flor

Projeto gráfico: Chica Magalhães

Reportagens: Amanda Cieglinsk, Guaíra Flor, Karine Rodrigues, Mariana Branco, Paula Andrade, Sabrine Meneses e Tchérena Guimarães

Fotos: Bento Viana (capa), Guilherme Kardel, Orlando Brito

Ilustrações: Kleber Sales Revisão: Luciana Pereira

Impressão: Marquinhos Artes Gráficas Ltda

Tiragem: 12 mil exemplares

Sistema OCB: Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bloco "I" CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119. E-mail: revistasabercooperar@sescoop.coop.br



Acontece O QUE ROLOU NO 14° CBC



Entrevista UMA VISÃO GLOBAL



Tnovação PLATAFORMA PARA O **DESENVOLVIMENTO**



Welhores Práticas **EMBAIXADORES COOPERATIVISTAS**



Governança e Gestãoo O PODER DO AGORA



/ercado Ô ABRE ASAS, QUE **EU QUERO VOAR**



Representação **LEGITIMIDADE**

PARA CRESCER





Artigo

EM REDE

Um pouco do que rolou no







Assista ao vídeo com um resumo do evento



"Líderes escolhem pessoas, pessoas constroem empresas.
Para bater grandes metas são necessárias grandes pessoas.
É preciso trabalhar todos juntos em busca de um objetivo comum. Manter não é o suficiente, é preciso lutar para melhorar. Se está bom, nós temos que melhorar. Se, ainda assim, continuar bom, precisamos encontrar mecanismos de melhorar o que pode dar errado amanhã."

Bernardinho,

ex-técnico da seleção brasileira de vôlei e palestrante



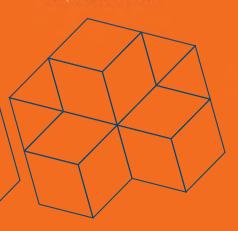
"Grandes líderes
compreenderam essa faceta
da humanidade: o que nos
move são as emoções.
Emoções regulam nossa
realidade e a forma como
interagimos com o mundo.
Elas governam aquilo que a
gente enxerga no mundo como
valioso ou não valioso. E isso
é muito importante, inclusive
para o mundo dos negócios."

Pedro Calabrez, neurocientista



"O cooperativismo prova que relações interpessoais podem evoluir para um modelo de negócio sustentável e estruturado."

Ricardo Vandré, ator, roteirista e diretor





Mercadinho Somos Coop

Uma das principais atrações do 14° CBC foi o Mercadinho SomosCoop, criado para mostrar a força do nosso modelo de negócio para toda a sociedade e oferecer aos consumidores a oportunidade da escolha consciente, apoiando e valorizando o trabalho de cooperativas. O espaço apresenta os produtos de cooperativas que já aderiram ao carimbo SomosCoop e, portanto, fazem questão de mostrar ao mundo que seguem os princípios e os ideais cooperativistas.

A ideia deu tão certo que agora está sendo levada para os estados. Em junho, o Mercadinho marcou presença na Suespar, evento que reuniu as Unimeds para a discussão de questões em comum, composição de soluções, troca de experiências e implementação do desenvolvimento de suas equipes. Mais de mil pessoas participaram do encontro, realizado em Foz do Iguaçu. Em julho, nosso stand de produtos estará no Alto Vale do Itajaí (SC), com colaboradores de 14 cooperativas do estado. O objetivo é que todos saiam de lá "vestindo a camisa" do movimento SomosCoop.

E no seu estado? Como estão as atividades do SomosCoop? Você também quer ver conhecer de perto esse movimento e o nosso Mercadinho? Entre em contato com a nossa Gerência de Comunicação para planejar as melhores estratégias. Fone: (61) 3217-1525.

Por Paula Andrade, com a colaboração de Gisele James

magine reunir, em um único local, os legítimos representantes de todas as cooperativas do Brasil, das Américas e do mundo. Pois esse grande encontro ocorreu durante o 14° Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC) que contou com as presenças do presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), Ariel Guarco, porta-voz do nosso movimento em todo o mundo; da presidente da ACI Américas, Graciela Fernandez, representante das cooperativas do nosso continente, e do presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, responsável pelas quase sete mil cooperativas brasileiras.

O trio participou da abertura do CBC, evento que sempre deixa marcas em nosso movimento. Basta dizer que a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) nasceu durante um desses congressos, em 1969. De lá para cá, muitas mudanças aconteceram, não apenas dentro do sistema cooperativista brasileiro, mas em todo o mundo. E é justamente sobre essas transformações e sobre as oportunidades abertas para o cooperativismo no Brasil, nas Américas e no mundo que trata esta entrevista, concedida com exclusividade para a **Saber Cooperar**. Confira:

Saber Cooperar – De que maneira começou a sua história pessoal com o cooperativismo?

Márcio Lopes de Freitas - Eu nasci dentro do cooperativismo. O meu avô foi presidente de cooperativa. O meu bisavô foi incentivador do movimento durante a Segunda Guerra. Meu pai foi presidente de cooperativa, meu irmão é presidente de cooperativa... A minha história se confunde com o cooperativismo. Na minha casa se falava muito sobre a filosofia. O meu pai sempre foi uma pessoa muito focada nos princípios do cooperativismo e trabalhou muito nisso. Então, foi um caminho natural para mim. Quando cresci, ajudei a fundar uma nova cooperativa, em um setor diferente da cooperativa do meu pai e do meu irmão. Eu sempre me senti muito à vontade com a doutrina. Isso faz parte do meu DNA: essa visão da economia compartilhada, da decisão democrática, da equidade.

EM ENTREVISTA
EXCLUSIVA, OS
TRÊS LÍDERES QUE
REPRESENTAM O
COOPERATIVISMO NO
BRASIL, NAS AMÉRICAS E
NO MUNDO FALAM SOBRE
AS TRANSFORMAÇÕES
E AS OPORTUNIDADES
ABERTAS PARA O NOSSO
MOVIMENTO NA ERA DA
INFORMAÇÃO



O COOPERATIVISMO
É A FACE HUMANA DA
ECONOMIA. ENTÃO, ELE
TEM SE AJUSTADO A CADA
MOMENTO DA SOCIEDADE.
JÁ COMEÇAMOS A JOGAR O
JOGO DA ERA DIGITAL. TEM
MUITA INOVAÇÃO DENTRO
DO COOPERATIVISMO.

Márcio Lopes

Ariel Guarco - Estou em contato com o cooperativismo desde meus primeiros anos de vida. Ainda muito pequeno, acompanhva minha mãe ao seu trabalho na Cooperativa Eléctrica de Coronel Pringles, a cidade onde nasci e moro, na Província de Buenos Aires, Argentina. Pouco a pouco, me envolvi na vida da cooperativa e, quando jovem, comecei a participar de diferentes atividades. Eu sempre digo que o cooperativismo é um modo de vida. Depois de muitos anos de participação - nos quais me envolvi cada vez mais -, reafirmo isso. As cooperativas são organizações construídas a partir de e para as comunidades, estão enraizadas em seus territórios e constroem uma economia solidária, inclusiva e democrática, onde ninguém é deixado para trás.

Graciela Fernandez - Descobri o cooperativismo há 30 anos. Iniciei minha vida profissional dentro do Centro de Cooperativismo Uruquai, um centro de desenvolvimento e cooperação que promove o cooperativismo em meu país. Todas as experiências importantes do cooperativismo uruquaio começaram ali. Eu fazia parte da equipe e minha função era assessorar e viajar pelo interior, conhecendo as fazendas e dando apoio aos cooperados para que eles pudessem entender melhor o espírito do cooperativismo. Logo me encantei pela visão de negócios do sistema cooperativo, que é muito especial. Primeiro porque é uma visão coletiva. Não está centrada no ganho individual. É democrática e formal, regida por um estatuto, que é a lei. Temos um capital, defendemos um capital, mas as decisões são democráticas, coletivas.

SC – Quais são os desafios do cooperativismo para a próxima década no Brasil, nas Américas e no mundo?

MLF - Eu sou otimista em relação ao futuro do cooperativismo no Brasil. Acho que vamos continuar em um processo de evolução. Precisamos preparar nosso modelo de negócio para surfar a onda das novas tecnologias da informação. As mudanças vão vir e temos de estar preparados. Resiliência e não resistência. O momento que vivemos hoje, com investimentos em capacitação, em modelos de governança, em processos de autogestão e monitoramento, nos põe em posição de surfar essa onda.

GF – Para a América Latina, o sistema de trabalho será um grande desafio. As cooperativas também precisam ocupar o terreno da tecnologia. No Uruguai, estamos realizando um projeto chamado "Inovacoop", com o governo federal, no qual apoiamos incubadoras de

O COOPERATIVISMO
É UMA RESPOSTA
SOCIAL A UM
MOMENTO DE CRISE
ECONÔMICA E SOCIAL
ANTE O FRACASSO
DE UM MODELO
DE SOCIEDADE
COMERCIAL. O
NOSSO DESAFIO É
APLICAR O MODELO
DE COOPERAÇÃO NA
REALIDADE ATUAL.

Graciela Fernandez

projetos tecnológicos e de inovação de jovens. E tem muitos. Muitos jovens empreendedores estão usando o modelo de negócios cooperativista como ferramenta.

AG – Em relação ao cooperativismo global, é preciso colocar toda a nossa capacidade de transformação a serviço do desenvolvimento sustentável. O mundo precisa de uma economia mais verde, mais justa e mais solidária. As cooperativas sabem como fazer isso. A ACI está na reta final para aprovar um Plano de Ação para a próxima década de cooperação, onde a proposta é focar o desenvolvimento, a promoção, a sustentabilidade e a intercooperação.

SC – O cooperativismo é o modelo econômico do futuro? Ele é capaz de conquistar essa nova geração de profissionais que chega ao mercado buscando não apenas uma forma de ganhar dinheiro, mas um propósito de vida?

MLF - O cooperativismo é a face humana da economia. Então, ele tem se ajustado a cada momento da sociedade. Já começamos a jogar o jogo da era digital. Tem muita inovação dentro do cooperativismo. Eu acho que são ideias que vão surgindo, assim como as alianças entre as cooperativas. A intercooperação é um coworking em grande escala, onde as cooperativas compartilham armazém, equipamento, ideias... Como o cooperativismo evolui com as pessoas, acho que temos plenas condições de formar uma nova geração de cooperativistas.

AG – As cooperativas têm mais resiliência do que outros tipos de empresas, e é por isso que elas passaram não apenas pelas últimas, mas por muitas crises e mudanças abruptas na história moderna. Dos 28 pioneiros que organizaram a primeira cooperativa, em Rochdale, em 1844, nos

tornamos quase uma em cada 6 pessoas no planeta hoje. Somos, sem dúvida, um dos movimentos que mais crescem no mundo, em contextos sociais, econômicos e políticos dos mais diversos. Também vemos que muitos jovens estão escolhendo a empresa cooperativa como modelo de trabalho e organização. É por isso que devemos nos comprometer e acompanhar os jovens, dar-lhes ferramentas, levá-los a se aproximarem de nosso movimento e formar novas cooperativas.

GF – Esse movimento é histórico. O cooperativismo é uma resposta social a um momento de crise econômica e social ante o fracasso de um modelo de sociedade comercial. O nosso desafio é aplicar o modelo de cooperação na realidade atual. Usar a plataforma cooperativista no desenvolvimento tecnológico, ou não posso entrar na ideia lírica e romântica de cooperação se não tenho resultados que acompanhem a competitividade.

SC – Como as cooperativas podem ajudar a construir uma sociedade mundial mais justa e equilibrada, com mais oportunidades para todos?

MLF – Sendo o que são: cooperativas. Cultivando essa ideia, propagando essa filosofia. Eu acho que, se mantivermos essa linha, estaremos colaborando para a construção de uma comunidade melhor, de um estado melhor, um país melhor. Acho que essas mudanças serão mais rápidas e ainda vamos ver, nesta geração, a construção de um ambiente melhor na sociedade, com a presença mais intensa da cooperação.

AG – As cooperativas têm uma enorme capacidade de transformar suas comunidades, são permeáveis a inovações e dão um caráter democrático a todas as



suas ações. Eles fazem isso colocando a pessoa e o meio ambiente como prioridades. Tudo isso contribui para construir sociedades mais justas e equilibradas.

GF - As cooperativas têm abastecido com crédito as parcelas da população que mais precisam: pessoas que se viram desempregadas pela redução das vagas de trabalho; mulheres; trabalhadores de baixa renda. Foi nas cooperativas de consumo que nasceram as cooperativas de trabalho, que dão sustento a milhares de famílias da agricultura familiar, inclusive dando base técnica e política para que elas possam até participar de compras públicas. As cooperativas de seguro também têm sido um grande apoio para a população, que anda às voltas com problemas climáticos que afetam a produção de alimentos. Esses são apenas alguns exemplos. Eu acredito que as cooperativas são uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento. E acredito que o futuro seria bem melhor se nós cooperássemos uns com os outros, em todos os sentidos. Afinal, somos uma grande família, e o futuro é agora.

SC – A maneira como o mundo vê o papel das cooperativas mudou nos últimos 10 anos?

MLF - Tem mudado e vai mudar sempre, mas nos últimos 10 anos foi mais intenso, como foram todas as mudanças no tecido da sociedade global. Uma cooperativa é uma aglomeração de gente, e eu insisto nisso porque essa é a grande diferença. Como é uma aglomeração de pessoas, ela muda com as pessoas. Acho que nos últimos anos - principalmente em 2008, com a crise global de confiança – acelerou-se muito o cooperativismo, que tornou-se um porto seguro para a sociedade. As cooperativas tornaram-se

um mitigador dos efeitos da crise. A prova mais clara é que nos países onde elas são mais estruturadas, a crise foi menor. O mundo todo reconheceu isso numa assembleia das Nações Unidas, e eu tive o orgulho de estar presente.

AG - É exatamente isso. As cooperativas são sempre um bom modelo de negócios, mas em tempos de grandes crises tornam-se mais visíveis como opção. Isso ficou muito claro após a crise global desencadeada em 2008. Foi demonstrado que as cooperativas tinham muito mais capacidade de recuperação para superar as consequências da crise, que poderiam manter empregos e ainda crescer. Hoje, na ACI, valorizamos todo o capital social que as cooperativas têm em todo o mundo e nos tornamos um elo central na Agenda 2030. Somos aliados do sistema das Nações Unidas e compartilhamos com a Organização Internacional do Trabalho a preocupação com o futuro do trabalho. O próprio diretor da OIT reconhece que as cooperativas são verdadeiras incubadoras das novas formas de trabalho que o mundo precisará nos próximos anos.

GF - O mundo globalizado afetou a sociedade e esta é uma etapa da história das mais fortes. O mundo passa por um grande momento de desenvolvimento para o qual as cooperativas têm de se preparar. Muitos alegaram que o cooperativismo desapareceria com o aumento do individualismo, mas, na realidade, o que aconteceu foi um crescimento das ideias mais básicas do cooperativismo. O cooperativismo tornou-se uma alternativa para os excessos da globalização. Tanto assim que as organizações internacionais utilizam o nosso idioma e a nossa palavra-chave: cooperar. ■

Agenda 2030 Trata-se de um plano de ação criado pela Organização das Nações Unidas para fortalecer a paz universal e erradicar a pobreza em todas as suas formas e dimensões. Para tanto, foram definidos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que você pode conhecer agora.



PLATAFORMA PARA O vinnento desenvolvimento

EXISTE UM MOVIMENTO
MUNDIAL DE
CONSCIENTIZAÇÃO DO
ENORME POTENCIAL
QUE O COOPERATIVISMO
TEM PARA ALAVANCAR
A ECONOMIA DIGITAL E
COLABORATIVA. HÁ QUEM
DEFENDA QUE DIVERSOS
UNICÓRNIOS* DO MERCADO
DE STARTUPS DEVERIAM SER
COOPERATIVISTAS

*Unicórnios são jovens empresas de base tecnológica avaliadas em mais de US\$ 1 bilhão. Por Karine Rodrigues e Guaíra Flor

motorista desliza as mãos pelo volante. A atenção dos olhos que miram as ruas de Brasília é voltada para a tela do celular, posicionado na saída de ar. A notificação avisa: alguém solicita os serviços do rapaz, e o carro de lataria vermelha e reluzente transforma-se em instrumento de trabalho. Ezequiel Avelino, 24 anos, estudante de Gestão Pública, é motorista de aplicativo de transporte de passageiros. Em janeiro deste ano, migrou da estatística do desemprego que, no primeiro mês de 2019, abarcava 12,7 milhões de brasileiros, segundo o IBGE, para ser um dos mais de 37 milhões de trabalhadores informais do país. Como milhares de cidadãos, a ocupação foi a forma encontrada por Ezequiel para se sustentar, custear a mensalidade da faculdade e pagar a parcela do automóvel.



O último trabalho de carteira assinada foi em uma floricultura, em 2017. Após um ano fazendo bicos no mercado de eventos, ele decidiu apostar no aplicativo. Desde então, acorda cedo, limpa o automóvel – em casa, para economizar com gastos em lava a jato -, abastece até a boca do tanque de combustível e parte para o expediente. Antes de completar a primeira semana, dirigindo de seis a oito horas por dia, tinha transportado cerca de 200 passageiros e os rendimentos ficaram em torno de R\$ 1 mil – valor bem próximo do que ele demorava um mês para embolsar em um ofício formal. "Dirigindo para os aplicativos, posso alternar os meus horários. Se eu não consequir trabalhar de manhã, vou à noite. Se eu não lucrar bem na semana, posso ir no sábado e no domingo", explica.

Só existe um problema: Ezequiel está dividindo o resultado de seu trabalho com os donos dos aplicativos que utiliza, perpetuando um modelo de trabalho que explora a mão de obra do trabalhador em busca do maior lucro possível, sem lhe dar nenhuma garantia ou segurança jurídica.

Ao perceber essa realidade, pesquisadores dos Estados Unidos e da Europa começaram a se perguntar: não seria mais justo que os motoristas fossem os verdadeiros donos do negócio, já que possuem o carro e fornecem a mão de obra? E se os princípios cooperativistas, consolidados na busca por relações mais dignas, justas e solidárias, fossem aliados à veia democrática da internet, nascida da noção pública de propriedade coletiva? E se, no contexto de economia compartilhada, pudéssemos desenvolver alternativas de negócios conduzidas por ideais comunitários? E foi para responder a essas perguntas que surgiu um novo conceito: o cooperativismo de plataforma proposta de empreendimento que combina os princípios e os valores do cooperativismo com o imenso potencial disruptivo das novas tecnologias da informação.

Modalidade de economia que defende a seguinte tese: a experiência vale mais do que a posse de objetos, ou seja, em vez de comprar um CD ou um DVD, é melhor ouvi-lo quando eu achar necessário, por meio de serviços de streaming (transmissão contínua de conteúdos). Fazem parte dessa lógica os seguintes aplicativos:

AirBnb: plataforma de hospedagem online onde é possível encontrar acomodações para serem alugadas por temporada em diferentes lugares do mundo. Qualquer pessoa pode ser usuário ou anfitrião, usufruindo ou oferecendo espaços que prometem o conforto e a vivência de uma casa de verdade, gerida por pessoas comuns, com as quais tem-se a oportunidade de trocar experiências.

Upwork: site que conecta empresas e freelancers, em um processo seletivo otimizado, para oportunidades de trabalho sob demanda. O ambiente online promove ao contratante a navegação por perfis de profissionais cadastrados como programadores, escritores e designers, avaliados por classificações e acompanhados por currículos e portfólios.

Uber: aplicativo de mobilidade urbana que possibilita, a partir da localização, que passageiros tenham, em poucos cliques, um automóvel com motorista à disposição para viajarem para onde solicitarem. Os profissionais registrados disponibilizam seus próprios carros e recebem pelas corridas que aceitam.

Universidade situada na cidade de Nova York, notória por seu ensino de vanguarda nas áreas de ciências sociais, artes, humanidade, arquitetura, políticas públicas e cibercultura.



"EU ESTUDO AS MUDANÇAS TRAZIDAS PETA INTERNET NO MERCADO DE TRABALHO DESDE 2008 E FUI PERCEBENDO QUE AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE ALGUMAS PLATAFORMAS DE SERVIÇO E AS PESSOAS SÃO UMA NOVA FORMA DE EXPLORAÇÃO DA MÃO DE OBRA DO TRABALHADOR AINDA MAIS PERVERSA QUE A ANTERIOR, POIS LHES TIRA TODOS OS DIREITOS E BENEFÍCIOS, MAXIMIZANDO AO EXTREMO O ENRIQUECIMENTO DOS DONOS DESSAS PLATAFORMAS."

Trebor Scholz,

autor que utilizou pela primeira vez o conceito do cooperativismo de plataforma

O começo de tudo

O conceito "cooperativismo de plataforma" foi utilizado pela primeira vez por Trebor Scholz, professor de cultura e mídia associado à **The New School** autor do livro *Cooperativismo de Plataforma*. Ele esteve no Brasil em maio especialmente

para o 14° CBC. Em palestra que lotou um dos auditórios do evento, ele afirmou: o cooperativismo é o modelo de negócios capaz de tornar mais justas as novas relações de trabalho impostas pelo "ubercapitalismo" – nova onda capitalista caracterizada pela supressão do Estado como mediador entre o capital e o trabalho, um modelo que transforma todos em trabalhadores individuais, apartados entre si, cada qual lutando por sua sobrevivência.

Scholz alerta que por trás de todo o conceito "descolado" e engajado da economia compartilhada – que vende aos cidadãos a ideia de que é possível ganhar mais, tendo liberdade de escolher quando e por quanto tempo se quer trabalhar, com a vantagem de não estar subordinado a um chefe direto – estão a crise econômica, o desemprego e a necessidade de complementação de renda. Uma realidade bem conhecida dos brasileiros nos últimos anos.

Ainda segundo o autor, essa nova forma de trabalho ofertada por alguns aplicativos de serviço pode ser, na verdade, uma armadilha para a precarização dos direitos do trabalho. "Eu estudo as mudanças trazidas pela internet no mercado de trabalho desde 2008 e fui percebendo que as relações estabelecidas entre algumas plataformas de serviço e as pessoas são uma nova forma de exploracão da mão de obra do trabalhador ainda mais perversa que a anterior, pois tira todos os direitos e benefícios, maximizando ao extremo o enriquecimento dos donos dessas plataformas", critica.

De fato, de acordo com o IBGE, o rendimento de um trabalhador informal é, em média, 40% menor do que de quem atua com carteira assinada. Também é importante lembrar a falta de garantias para os funcionários nessas plataformas de compartilhamento. O que mais preocupa Ezequiel Avelino, motorista de aplicativos, é a segurança. Em uma situação de sequestro ou roubo, enquanto estiver dirigindo, o prejuízo é 100% do dono do automóvel. Por isso, ele pondera ao aceitar corridas em determinados horários e lugares, o que pode colocar em risco sua pontuação nos apps. Em poucos cliques - medido em estrelinhas que variam de



uma a cinco – está na mão do consumidor o poder de classificar um motorista da plataforma. Quem ficar abaixo de uma média de corte, que controla a qualidade dos funcionários, pode ter o cadastro suspenso ou cancelado.

Por uma relação mais justa

Outro papa do cooperativismo de plataforma é o professor de estudos de mídia da Universidade do Colorado, Nathan Schneider, coautor do livro Nosso para hackear e possuir: a ascensão do cooperativismo de plataforma, uma nova visão para o futuro do trabalho e uma internet mais justa. Em entrevista exclusiva à Saber Cooperar, ele definiu o cooperativismo de plataforma como "uma comunidade transnacional de usuários-trabalhadores. Uma nova geração de pessoas que entram no movimento cooperativo e tentam usá-lo para criar uma economia on-line mais justa, responsável e democrática".

> Modelo colaborativo de produção intelectual que promove o livre licenciamento e a redistribuição universal do produto sem a necessidade de se pagar uma licença comercial para isso.

Scheider defende que a natureza do compartilhamento de informações, software de código aberto, colaboração distribuída e comunicação rápida da internet são propícios não apenas para as práticas cooperativistas, como tratase de uma oportunidade de renovar o espírito transformador da economia cooperativa, fundada há quase dois séculos.

Também entusiasta do potencial transformador da internet para o cooperativista, o advogado, professor-doutor e diretor-geral da Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo (Escoop), Mário de Conto, tem pesquisado sobre o conceito no Brasil, com o incentivo do Sistema OCB. Para ele, a modalidade poderia melhorar o desenvolvimento local, sob a forma de trabalho democrático e colaborativo. "Tratam-se de iniciativas em que os trabalhadores são proprietários das plataformas, tomam as decisões de maneira democrática através de mecanismos digitais e a distância, de forma muito diferente da experimentada nas cooperativas tradicionais", explica o pesquisador.

Na visão de Conto, as "CoopTechs" (cooperativas de base tecnológica) podem não apenas incluir quem está fora da digitalização na troca de serviços, como ajudar a reduzir as desigualdades e a concentração do poder que está nas mãos dos agentes que detêm o capital (o software, hoje em dia). "Nesse contexto, o cooperativismo de plataforma tem como principal impacto no eixo social viabilizar a inserção de trabalhadores em plataformas digitais nas quais eles tenham maior possibilidade de

definir suas margens de retorno e fazer sua autogestão", avalia.

Ao redor do mundo, essa ideia pegou. Segundo Trebor Scholz, já existem pelo menos 350 cooperativas de plataforma atuando em 26 países, incluindo o Brasil. Por aqui, existem grupos de trabalhadores se organizando dessa maneira, embora nenhuma esteja formalmente registrada como cooperativa. Um bom exemplo é a Cataki – aplicativo que conecta catadores de resíduos a quem produz lixo, ou seja, todos nós. Ao unir as duas pontas, a plataforma melhora a qualidade de vida dos catadores, tirando-os dos lixões e das ruas, facilita a coleta dos materiais reciclados, aumenta a produtividade desses agentes ambientais e, de quebra, conscientiza as pessoas sobre a importância da reciclagem. Trebor está, inclusive, investindo na ideia, que considera escalável, ou seja, com alto potencial de crescimento não só no Brasil, mas no mundo.

Disposto a fomentar a abertura de cada vez mais cooperativas de plataforma ao redor do mundo, Scholz ajudou a fundar uma organização focada no apoio a essas instituições: o Consórcio para o Cooperativismo de Plataforma Platform Cooperativism (The Consortium). O grupo apoia esse modelo de negócios por meio de pesquisas, capacitações, consultoria legal, mapeamento de melhores práticas, suporte técnico e financiamento. O Google, por exemplo, doou US\$ 1 milhão para financiar cooperativas de plataforma ao redor do mundo. "Eu estive na Suécia, na Inglaterra, na Itália, na Espanha, no Canadá, na Indonésia, em Tóquio, na Índia e agui no Brasil. É impressionante como em todos esses países existe o desejo de criar modelos de trabalho mais cooperativos", disse o norte-americano.



NÚMEROS

Existem pelo menos

350

Cooperativas de plataforma ao redor do mundo

26

Países já colocaram a ideia em prática, incluindo o Brasil

> us\$ 1 milhão

Valor aportado pelo Google para o financiamento de cooperativas de plataforma ao redor do mundo Sim, mas ainda é pouco explorado. Temos um longo caminho a percorrer, cheio de desafios, até a consolidação de um mercado de economia digital cooperativista. "Quanto mais precária é a relação de trabalho de um país, maior é o interesse pela implantação das cooperativas de plataformas", analisa Trebor Scholz. Segundo ele, aqui no Brasil existem muitas oportunidades nas áreas da educação, da saúde, dos transportes. "O que percebo, tanto aqui quanto em outros países, é que o principal obstáculo à constituição dessas cooperativas ainda são as pessoas. É difícil reunir um grupo, sentar todos em uma sala e fazê-los fechar um acordo. Elas ainda não sabem abrir mão das suas vontades pessoais em prol de um bem maior. Esse é o principal desafio do cooperativismo de plataforma em todo o mundo", lamenta.

Já o brasileiro Mário de Conto acredita que faltam instrumentos na legislação brasileira para apoiar o desenvolvimento de iniciativas como essas. "Analisando as características da Lei Geral das Cooperativas, evidentemente, há desafios que concernem à novidade do modelo, como formas de efetivar a participação democrática e o processo de tomada de decisões em um contexto digital", pondera.

Benchmarking internacional

Usando o exemplo de experiências nos Estados Unidos, Espanha e França, uma ideia capaz de adubar o terreno para cooperativas de plataforma é a criação de incubadoras dessas empresas nas universidades, organizações não governamentais e dentro das próprias cooperativas.

A proposta da incubação é apoiar novos empreendimentos com suporte técnico, jurídico e contábil, muitas vezes oferecendo consultorias e mentorias especializadas na potencialização de um negócio. E foi justamente esse modelo que resultou na criação da *Up and Go*—cooperativa de plataforma criada para oferecer emprego e renda às mulheres de uma comunidade de imigrantes, em Nova York.

A Up and Go possui, hoje, cerca de 40 cooperadas. Graças à plataforma, pela primeira vez desde que chegaram à América, essas mulheres conseguiram uma remuneração justa por seu trabalho. "Antes de fazerem parte da cooperativa, elas ganhavam muito mal e não tinham garantia de serem pagas pelo serviço que prestavam. Às vezes, limpavam a residência e o dono dizia estar sem dinheiro para pagá-las na hora. Outras vezes, pagavam as passagens para ir até a casa do cliente e, ao chegar, eram avisadas de que ele tinha desistido. Com isso, tinham um prejuízo grande, porque não eram ressarcidas pelo deslocamento", recorda Sylvia Morse, gerente de projeto do Center for Family Life (CFL) – organização sem fins lucrativos que realiza a incubação de cooperativas de plataforma na cidade norte-americana.

Desde 2006, o CFL capta fundos e oferece suporte técnico e financeiro à criação de cooperativas de plataforma nas áreas de serviços de limpeza e cuidado de crianças pequenas. "Nossa equipe trabalha para ajudar esses trabalhadores a constituírem sua cooperativa, ajudando a definir como devem ser o site, o aplicativo, o atendimento aos clientes, a política de preços e as assembleias de cooperados", resume Sylvia, que também participou como palestrante do 14° CBC.

No caso da *Up and Go*, por exemplo, cada cooperada recebe 95% do valor pago pelos clientes. Os outros 5% são revertidos para o fortalecimento da plataforma. "Antes, quando trabalhavam como empregadas de outros sites que oferecem serviços de limpeza, elas recebiam bem menos por hora trabalhada. E isso, apesar de o cliente pagar mais caro que na *Up and Go* pelo serviço", constata a gerente do CFL.

Além de ganharem mais como cooperadas e de serem as donas do próprio negócio, as mulheres da *Up and Go* utilizam os 5% destinados para a plataforma para fortalecerem o próprio negócio e para garantirem alguns benefícios importantes para elas, como cursos de inglês e capacitação profissional. "A cooperativa empodera essas mulheres e muda as vidas delas e a de suas famílias", comemora Sylvia.

De acordo com a norte-americana, as cooperativas têm impactado tão positivamente Nova York que a cidade foi a primeira dos Estados Unidos a criar um fundo exclusivo para o financiamento desse tipo de empreendimento. "As cooperativas de plataforma têm ajudado a incluir públicos que nem sempre encontram boas oportunidades de trabalho no mercado formal, como as mulheres, os negros e os imigrantes. Por isso, elas têm recebido suporte de entidades públicas e privadas para se desenvolverem no meu país", constata.

Sylvia acredita que essas incubadoras de cooperativas de plataforma poderiam funcionar também no Brasil. "Vocês têm uma organização que cuida especificamente do cooperativismo", diz, referindo-se ao Sistema OCB. "Esse é um primeiro passo importante, porque já existe um centro de referência para os trabalhadores que desejem montar uma cooperativa no país. O próximo passo é buscar apoio de outras organizações públicas e privadas para criar um ecossistema favorável à criação de cooperativas de plataforma no Brasil", conclui.

SERVIÇO

Mais debates sobre o Cooperativismo de Plataforma já têm data marcada: entre os dias 7 e 9 de novembro, será realizado, em Nova York (EUA), o Congresso Internacional de Cooperativas de Plataforma, em parceria com Columbia University e The New School. O evento é promovido pelo Consórcio Internacional do Cooperativismo de Plataforma (https://platform.coop/), sediado em NY e fundado pelo pioneiro do próprio movimento Cooperativismo de Plataforma, Trebor Scholz. Vale destacar: a OCB participa do comitê internacional de promoção do cooperativismo de plataforma.



Gostou da proposta do cooperativismo de plataforma? Quer saber mais sobre o assunto? Baixe agora o livro de Trebor Scholz sobre o assunto.



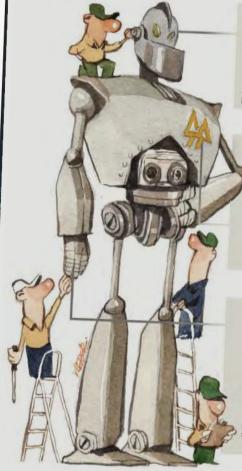
Conheça todas as diretrizes prioritárias para o cooperativismo relacionadas à inovação. Elas foram definidas por 1.300 cooperativas brasileiras durante o 14° CBC.



princípios do cooperativismo de plataforma, segundo Trebor Scholz

- 1 Resgate à mentalidade inicial da internet de propriedade pública, coletiva e compartilhada, centrada nas pessoas que geram valor nas plataformas;
- Pagamentos decentes e seguridade de renda;
- Transparência dos dados, principalmente para os consumidores, informando sobre como são coletados, analisados, estudados e para quem são vendidos;
- **4** Valorização, apreciação e reconhecimento dos trabalhadores;
- **5** Envolvimento dos funcionários, desde a programação até o uso das plataformas;
- Moldura jurídica que proteja as plataformas cooperativas;
- Proteções sociais e benefícios aos trabalhadores;
- Garantias aos colaboradores associados contra comportamentos arbitrários, como demissões repentinas e sem explicações;

ENTENDA VISUALMENTE O COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA



Igualdade de ganhos para todos A ideia é ressignificar o que é inovação e eficiência quando falamos de uma economia solidária, prevendo uma mudança de propriedade: da que explora o trabalhador a fim de concentrar riquezas para poucos para a que distribui democraticamente os benefícios a todos.

Coração tecnológico
As cooperativas de plataforma
não vieram para rejeitar tudo
o que compõe a economia de
compartilhamento. Pelo contrário.
É possível aproveitar o caráter
tecnológico desses negócios
on-line e as possibilidades de
compartilhamento de informações
e comunicação oferecidas pela
internet, promovendo uma
mentalidade de propriedade
coletiva

Solidariedade
No lugar de uma economia
com base no trabalho
com funções designadas
anonimamente, por meio de
um aplicativo, as plataformas
podem ser operadas com
relações humanas, baseadas na
solidariedade, no cuidado com
as pessoas, no mutualismo, na
cooperação e na agregação
por trabalhadores, usuários,
sindicatos ou até cidades.

Rejeição de vigilância excessiva do ambiente de trabalho que viole a dignidade dos funcionários;

1 O Tarefas digitais com fronteiras claras que deem ao trabalhador o direito de se desconectar da internet. ■



Ô ABREASAS, que en quero vooir Por Mariana Branco

Brasil tem o desafio de voltar a crescer. O Produto Interno Bruto (PIB), soma das riquezas produzidas no país, encerrou 2018 com crescimento de 1.1%. segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A melhora do cenário em 2019 passa por reformas estruturantes - como a da Previdência e a Tributária –, além de implementação de medidas para destravar a economia e melhorar o ambiente de negócios. Mas as dificuldades para os empreendedores, em geral, e o cooperativismo, em particular, não param por aí. É preciso preparo para conquistar um lugar ao sol na economia do século XXI, que sofreu profundas transformações. Indústria 4.0, diversidade e sustentabilidade são alguns dos conceitos-chave nesse novo mundo.

Uma boa notícia, de acordo com o consultor financeiro Teco Medina, é que o Brasil parece estar comprometido com a agenda de responsabilidade fiscal e desburocratização necessária à retomada do crescimento. Na avaliação de Medina, se as principais reformas estruturantes propostas para a economia forem aprovadas, em breve voltaremos a crescer. Para ele, a reforma da Previdência, em tramitação no Congresso, é considerada a mais importante, já que colaborará significativamente para sanar as contas públicas. "Para investir e atrair investimentos, é preciso zerar o déficit primário, formado, em grande parte, pela Previdência. Não existe país, em 2024, se a reforma não passar", afirmou, durante sua palestra "O Mercado Brasileiro de Hoje no Futuro", 14° CBC.



"Se as coisas derem certo de novo, elas vão dar muito certo. A partir do ano que vem, tem enormes chances de a economia voltar a andar."

TECO MEDINA, consultor financeiro

Dispostas a não ficarem à mercê das marés do mercado financeiro, as cooperativas estão se preparando para enfrentar qualquer um dos cenários possíveis para o país. Justamente por isso, o cooperativismo é um dos setores da economia mais qualificados para aproveitar as oportunidades que podem surgir nos próximos anos. "Pode ser que, na próxima década, o Brasil deixe de ser o país do futuro para ser o país do presente. Vocês, cooperativistas, estão muito bem preparados para isso. Não deixem de pegar esse ciclo do começo. Se as coisas derem certo de novo, elas vão dar muito certo. A partir do ano que vem, tem enormes chances de a economia voltar a andar", afirmou.

Medina falou também sobre a importância de um ambiente de negócios favorável ao empreendedorismo, incluindo suas novas formas. "A gente precisa tornar o Brasil um lugar melhor para se investir. Não existe país em que o governo atrapalhe mais os negócios. O Brasil precisa decidir se vai ser o país das cooperativas, das fintechs e da inovação, ou o país do pedágio, do ascensorista", comentou.



Uma nova economia

Outra boa notícia para as nossas cooperativas: estamos em sintonia com um fenômeno que está mudando as relações econômicas no mundo. A Indústria 4.0 (ou quarta revolução industrial), é um conceito que engloba as novas tecnologias de automação e informação. Isso inclui, por exemplo, as startups, pequenas empresas com modelo inovador de negócios, que muitas vezes impactam a vida de suas comunidades. A velocidade com que surgem esses novos empreendimentos é um desafio para quem está no mercado. O positivo é que o cooperativismo tem muito em comum com a Indústria 4.0.

"Nada está sendo como antes, pois a velocidade de transformação está muito alta. A cada instante, está surgindo um novo negócio que pode acabar com nosso negócio. Há uma nova lógica de consumo, que envolve menos comprar para ter posse, e mais para ter acesso. Com o Uber, por exemplo, não preciso ter um carro na garagem para me locomover. Basta ter acesso ao carro", explica Andréa Dietrich, empreendedora e consultora de estratégia digital.



"A marca do futuro é construida sobre três pilares fundamentais: propósito, empatia e coragem. A causa por trás é que vai fazer a diferença, e o cooperativismo tem isso muito forte.

ANDRÉA DIETRICH,

empreendedora e consultora de estratégia digital.

Andréa, que presta consultoria tanto para startups quanto para grandes companhias, também esteve no CBC falando sobre "A Marca na Indústria 4.0", ressaltando que, em um cenário de competição acirrada – no qual a tecnologia eleva a qualidade a um novo patamar –, o grande diferencial pode ser o propósito da empresa, bem como a experiência oferecida aos clientes. Transparência, visão das necessidades do consumidor e impacto social agregam valor à marca.

"O que diferencia uma empresa de outra é como você vai colocar sua ideia em prática. Tudo isso é muito alinhado com o cooperativismo. A marca 4.0 é pautada pela experiência que deixa na vida das pessoas. A marca do futuro é construída sobre três pilares fundamentais: propósito, empatia e coragem. A causa por trás é que vai fazer a diferença, e o cooperativismo tem isso muito forte."

Diversidade

O respeito à diversidade e a inclusão de todas as pessoas também são diferenciais importantes no mercado 4.0, tornando qualquer negócio mais oxigenado e competitivo. Nesse quesito, mais uma vez, as cooperativas saem na frente. "O conceito de diversidade engloba aceitação e respeito. Significa entender que cada indivíduo é único e reconhecer nossas diferencas individuais. Vivemos um momento de polarização e, ao mesmo tempo, de grande expressão social, com as ditas minorias se posicionando", afirma o psicólogo Djalma Scartezini, que tem MBA em Recursos Humanos pela Fundação Getulio Vargas (FGV) e também esteve no 14° CBC, falando sobre "A Diversidade como Diferencial Competitivo."

Ele destaca que, para se comunicar, a empresa precisa compreender a sociedade. "O negócio é atrair pessoas". O psicólogo explica, ainda, que um grupo pouco diverso de colaboradores no interior das empresas fornece um número igualmente limitado de soluções. Além disso, ressalta que, para funcionar, a diversidade precisa ser uma política efetiva, para além do marketing.

"A diversidade de pensamento é que vai trazer para a organização um diferencial competitivo. Parecer ser diverso é fácil. A gente contrata alguém para fazer uma campanha de marketing. O marketing é o papel embrulhando o presente. Não adianta desembrulhar e não ter nada dentro", diz. Para Djalma, o cooperativismo tem a semente da diversidade na gestão coletiva. "Todo mundo é dono [do negócio]. A gente [mercado] quer esse valor que já existe no cooperativismo, que é a decisão coletiva. Assim, teremos mais engajamento e produtividade", afirma.

Fontes renováveis

Em franca expansão e alinhado com a nova economia, o setor de energia sustentável vai gerar muitas oportunidades de negócios nos próximos anos e, por isso, precisa estar no radar das cooperativas. Quem garante é Filipe Braga Ivo, especialista em tecnologia, empreendedorismo e diretor de novos negócios da Sunew, empresa líder mundial na fabricação de filmes fotovoltaicos orgânicos (OPV, um filme gerador de energia solar com design flexível e inteiramente orgânico).

Em sua palestra sobre "O Potencial Brasileiro na Energia Renovável", durante o CBC, Braga Ivo ressaltou que fontes de geração de energia, como petróleo e carvão, vão perder cada vez mais espaço, não apenas por serem fontes esgotáveis, mas devido ao dano ambiental que causam. O consumo de carvão chegou a um pico em 2015 e, desde então, a tendência é de queda. O especialista diz que o mesmo deve ocorrer com o petróleo, muito antes de as reservas se esgotarem.

"A transição energética está acontecendo, não interessa se vemos o copo meio cheio, ou meio vazio", resume. Os substitutos ao modelo atual já estão entrando em ação. A geração de energia solar já é a que mais cresce no mundo. A produção de energia eólica também sobe a um ritmo acelerado. Os custos de produção de ambas vêm caindo vertiginosamente. A eletrificação dos carros também já é uma realidade. "As montadoras têm previsão de eletrificar as frotas", diz Felipe. As cooperativas também aderiram à revolução energética.



Conheça todas as diretrizes prioritárias para o cooperativismo em relação à conquista de novos mercados.



"As cooperativas têm os produtos de maior valor agregado.

FERNANDO SCHWANKE,

secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo do Ministério da Agricultura

Gerando a própria energia

Marco Olívio Morato, analista técnico e econômico do Sistema OCB, explica que, somente no Ramo Infraestrutura, há 76 cooperativas gerando energia. Dessas, nove atuam no chamado sistema de compensação – ou seja, geram energia para consumo próprio e, com isso, pagam mais barato na conta de luz. As demais produzem energia para venda. Além disso, há 159 cooperativas de outros ramos gerando a própria energia no sistema de compensação.

A maior parte é formada por Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs). Mas há também geração a partir de biomassa, fotovoltaica e uma cooperativa geradora de energia eólica. Com 22 cooperados, a Cooperativa Brasileira de Energia Renovável (Coober), de Paragominas (PA), é uma das que geram energia com placas solares no sistema de compensação.

"A energia gerada é injetada nas redes de distribuição e compensada na conta de luz, que tem um desconto de 60% para os cooperados. Hoje, eles geram 9 mil Kw/h por mês, o equivalente ao abastecimento de 50 famílias de quatro pessoas", explica Morato.

Valorização

Os cooperativistas contam ainda com a promessa de fortalecimento e interlocução por parte do novo governo. Segundo o secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Fernando Schwanke, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, quer valorizar o setor. "Estamos preparando programas importantes de acesso tanto a mercados institucionais quanto privados, em âmbitos nacional e internacional", afirmou.

Segundo Shwanke, o governo está elaborando suas políticas com base no documento Brasil *Mais Cooperativo*, da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB). "A ideia é ter cooperativas irmãs, com troca de boas práticas (veja matéria da página 44)".

Outra novidade é que, a partir de 1º de julho, as cooperativas de crédito poderão receber depósitos da poupança rural. O anúncio foi feito pelo chefe do Departamento de Supervisão de Cooperativas e de Instituições Bancárias do Banco Central, Harold Espínola.

As políticas voltadas para o cooperativismo também serão desenvolvidas no âmbito da Secretaria de Inclusão Social e Produtiva Urbana (Senisp), vinculada ao Ministério da Cidadania. A secretaria deve atuar em três eixos: intermediação de mão de obra, qualificação e empreendedorismo - contando com 644 parceiros, entre instituições públicas e privadas. A Senisp reúne as antigas Secretaria de Inclusão Produtiva, do extinto Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), e Secretaria Nacional de Economia Solidária, do extinto Ministério do Trabalho. ■

DIVULGAÇÃO

ONHEÇA AS ESTRATORNAR
TRAÇADAS PARA TORNAR
O COOPERATIVISMO
RECONHECIDO EM
TODA A SOCIEDADE
TODA A SOCIEDADE
POR SUA INTEGRIDADE E
COMPETITIVIDADE DE TORNA
CAPACIDADE DE TORNA
CAPACIDADE DE TORNA
CAPACIDADE SELIZES

Por Tchérena Guimarães

omos muitos. Somos mais de 14,6 milhões de cooperados no Brasil. E, hoje, nossas quase sete mil cooperativas geram 425,3 mil empregos diretos no país, ajudando a movimentar a roda da economia. São números e impactos inquestionáveis, mas ainda assim temos muitos desafios pela frente. E ecoar esses resultados para a sociedade é um deles. "Cooperativismo é algo sério, que traz resultados concretos para a vida das pesso-

as, como o desenvolvimento social. E é isso o que a gente precisa falar", explica Daniela Lemke, gerente de Comunicação do Sistema OCB. "Hoje, a gente percebe que ganha o coração das pessoas quando elas entendem o que é uma cooperativa e o bem que ela faz para seus cooperados."

Os caminhos para potencializar a divulgação do cooperativismo no Brasil foram debatidos durante o 14° Congresso Brasileiro do Cooperativismo, que aconteceu em Brasília, no mês de maio. E, como bons cooperativistas, nós já começamos a desbravá-los. Confira:

CAMINHO 1

Pensamento digital

Somos todos testemunhas da maior revolução tecnológica já ocorrida na humanidade. Desde a abertura da internet ao público, em 1995, a forma como nos relacionamos com o mundo e com as outras pessoas mudou completamente. Quase 70% da população mundial está conectada à internet 24 horas por dia, sete dias por semana, por meio do celular. Pagamos nossas contas sem sair de casa, e basta um toque na telinha

do smartphone para resolver nossos problemas. Abrindo um aplicativo, conseguimos um carro para ir aonde quisermos. Clicando em outro quadradinho, a gente encontra resposta para qualquer pergunta.

"As novas tecnologias da informação estão mudando a sociedade, a forma de comercializar produtos e a relação entre as organizações e os clientes. É uma transformação cultural, comportamental e tecnológica", afirma Arthur Igreja, especialista em tecnologia e informação.

Justamente por isso, é essencial avaliar a forma como as cooperativas estão falando digitalmente aos seus cooperados e clientes. "A pergunta que deve ser feita é simples: qual é o grau de burocracia para as pessoas chegarem nos produtos e serviços de uma cooperativa", argumenta Igreja. Segundo ele, para ganhar mercado na nova economia digital. é preciso entender o problema que as pessoas querem resolver e qual é o caminho mais conveniente para fazer isso. "E pode ter certeza: as pessoas encontrarão a informação de que precisam, com a sua ajuda, ou apesar de você", enfatiza.

De fato, os clientes da atualidade também não querem ser tratados como os do passado. "Você não vai conseguir tocar as pessoas 'bombardeando' elas [de

informações]. Todo mundo está impulsionando postagens. O usuário está recebendo isso de todo mundo. Ele quer se relacionar. Está todo mundo gritando na internet. Não é assim que você vai engajar as pessoas. Você vai engajar as pessoas com conteúdo de qualidade, capaz de agregar valor às suas vidas", salienta.

CAMINHO 2

Foco nas pessoas

Em um mundo conectado em rede, tem mais chances de vencer quem percebe algo simples: na era da inovação digital, quem manda são as pessoas. E elas querem ser ouvidas, levadas em consideração e, principalmente, querem ter seus desejos atendidos de forma rápida e eficiente.

"ESTÁ TODO MUNDO GRITANDO NA INTERNET.

OM CONTEÚDO DE QUALIDADE, CAPAZ DE

Arthur Igreja,

especialista em inovação e tecnologi.

"Para ganhar espaço, toda empresa ou cooperativa precisa se adaptar e colocar as pessoas – sejam elas clientes ou cooperados – em primeiro lugar", analisa Arthur Igreja. Não dá para criar um produto ou vender um serviço sem antes ouvir a opinião de quem consome. A era do executivo brilhante, que tomava decisões sozinho, sem precisar sair do escritório, acabou. Quem não ouvir o que o cliente tem a dizer está fadado ao fracasso.

De acordo com o especialista em marketing Romeo Busarello, é fundamental estar atento ao público e aos seus desejos. Mais que isso! É fundamental construir uma relação de proximidade com cada pessoa da nossa rede. Mas isso nem sempre é fácil.



CONEXÕES E TER UMA

Romeo Busarello,

mand the service of the control of the cont

"Acompanhar as mudanças trazidas pelas novas tecnologias da informação exige dedicação", alerta Busarello. "Estudar e buscar conhecimento são fundamentais para qualquer profissional. É preciso ir atrás de educação. E não digo somente sobre MBA, pós-graduação ou doutorado; falo cada vez mais de cursos de uma semana ou 15 dias, participar de eventos e congressos com profissionais de mercado. O importante é fazer conexões e ter uma alma digital.".

CAMINHO 3

Unir para conquistar

A Casa do Cooperativismo já deu o primeiro passo para aumentar o reconhecimento do cooperativismo em todo o Brasil. Lançamos, em 2017, o Movimento SomosCoop – criado para fortalecer a imagem do nosso

modelo de negócios no Brasil e o orgulho de fazer parte de uma cooperativa. A iniciativa seguirá como a peça central da nossa divulgação nos próximos anos, já que vem trazendo ótimos resultados.

"Estou há 35 anos no cooperativismo e confesso que ainda não tinha visto um projeto tão diferenciado e capaz de dar uma projeção tão grande aos nossos produtos e às nossas cooperativas quanto o SomosCoop", elogia Samuel Zanello Filho, coordenador de comunicação do Sistema Ocepar. Na avaliação do jornalista, só é preciso ter um cuidado: o SomosCoop só tem significado se todos nós, cooperativistas, nos engajarmos. "Quanto mais pessoas e mais cooperativas aderirem ao SomosCoop, maior será a receptividade por parte do cidadão comum", garante.

Justamente por isso a Ocepar abraçou o movimento Somos Coop desde o seu lançamento, estimulando as cooperativas do estado a utilizarem essa marca em seus produtos. "Precisamos educar o consumidor a dar preferência aos produtos das cooperativas, destacando que eles são mais sustentáveis e têm impacto direto na melhora de vida de toda a comunidade", defende Zanello.

Tal percepção é endossada por uma pesquisa realizada com 1.023 consumidores do Paraná. O estudo, realizado em 2017, revelou que os entrevistados dariam prioridade aos produtos cooperativistas se tivessem conhecimento do impacto que causam na sociedade e na economia. Além disso, constatou que 96% dos entrevistados aprovam os produtos de cooperativas, destacando o bom preço e a qualidade desses produtos. Outros 33% afirmaram que desconhecem quais produtos são de cooperativas.

Para deixar bem claro quais produtos têm DNA cooperativista, o Sistema COB lançou, este ano, o Carimbo SomosCoop, disponível para uso gratuito por qualquer cooperativa brasileira. Uma das primeiras a aderirem foi a Cocamar Cooperativa Agroindustrial, que conta com 15 mil cooperados e 3 mil colaboradores. "Estamos colocando o carimbo em todos os produtos, aos poucos. Nosso planejamento é incluir em toda a nossa linha. Hoje já temos no café, nos molhos e estamos incluindo no álcool", descreve Sabrina Morello, coordenadora de comunicação da Cocamar.

CAMINHO 4 Favar uma mesma lingua Um dos principais desafios da comunicação, nesse sentido, é alinhar o discurso institucional do cooperativismo. "A forma de falar sobre o nosso movimento difere muito de Norte a Sul do país", constata Daniela Lemke, gerente de comunicação do Sistema OCB.

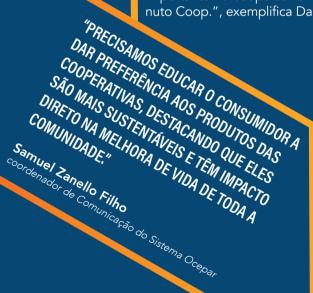
Dispostos a reverter esse quadro, os comunicadores da Casa do Cooperativismo e das unidades estaduais do Sistema OCB estão produzindo um guia de discurso institucional sobre o cooperativismo.

Outra estratégia em andamento é a avaliação de qual formato de divulgação do cooperativismo traz maior impacto para o nosso movimento. "No momento, estamos seguindo esse caminho nas redes sociais com a técnica de storytelling [contação de história]. Afinal, contar histórias tem tudo a ver com o cooperativismo; e cooperativismo tem tudo a ver com pessoas. Outra aposta são vídeos curtinhos com um resumo jornalístico do que está acontecendo de mais importante no cooperativismo, o Minuto Coop.", exemplifica Daniela.





Conheça todas as diretrizes prioritárias para o cooperativismo relacionadas à área de Comunicação. Elas foram definidas por 1.300 cooperativas brasileiras durante o 14° CBC.



O PODER O COLORO O COLOR

O SEGREDO PARA GARANTIR O SUCESSO DA GESTÃO E GOVERNANÇA É COMEÇAR A PLANEJAR NO PRESENTE

Por Sabrine Meneses

tenção, gestores: a sustentabilidade do seu negócio depende de como você lida com as mudanças trazidas pela internet e pelas novas tecnologias. Marcas consagradas desapareceram, profissões estão sendo extintas, alguns serviços estão ficando obsoletos. Parece o apocalipse, mas não é. No universo cooperativista temos plenas condições de fazer os ventos da mudança soprarem a nosso favor. Sabe por quê? "O caminho para o sucesso não é pavimentado por tecnologias, mas por pessoas". A frase é de Sandro Magaldi, autor do livro Gestão do Amanhã e fundador de uma startup com foco em gestão e empreendedorismo. E até ele – que vive da inovação – reconhece: a tecnologia é apenas uma ferramenta de mudança. As boas ideias surgem de pessoas.

Durante o 14° Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC), realizado em Brasília, Magaldi falou sobre como as empresas podem sobreviver (e crescer) nesse novo mundo conectado pela internet. Segundo ele, entender como a tecnologia muda o comportamento da sociedade é o primeiro passo para saber como lidar com as transformações causadas por ela.

"Não adianta pensar com a nossa cabeça.

O primeiro passo é entender que o mundo mudou. O maior desejo dos jovens da minha geração, por exemplo, era ter um carro. Hoje, já não há mais tanto interesse, porque existem aplicativos que resolvem o problema da locomoção para eles.

Tanto que houve uma redução de 21% na emissão de carteiras de habilitação no Brasil nos últimos três anos", explica.

Justamente por isso, o desafio dos gestores das montadoras e dos taxistas não é quebrar a cabeça para desenvolver novas tecnologias para brigar com essa realidade. O desafio é entender o que as pessoas querem e oferecer soluções diferenciadas para elas. "A gente precisa aprender a desaprender e reaprender", acrescenta André Bello, professor do Centro de Referência em Inteligência Empresarial (Crie), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Bello chama a atenção para o fato de que as novas tecnologias estão apenas começando a aparecer. "Ainda vamos ter um salto tecnológico gigantesco nos próximos anos. E precisamos saber usar a tecnologia a nosso favor, para sanar as nossas necessidades, ao invés de competir com ela. Acredito que o futuro será totalmente diferente de tudo que já foi vivido. E, nesse futuro, não serão os mais fortes que sobreviverão, e sim os mais rápidos."

Outro ponto importante: existe uma falsa percepção de que a inovação só é feita por pessoas jovens. "Inovação tem a ver com a forma de pensar, e não com idade", garante o fundador da plataforma Meu Sucesso. Para ele, a empresa que possuir profissionais com conhecimento de mercado e capacidade para inovar tem seu futuro garantido. "O importante é não ter medo de mudar. Algumas marcas estão quebrando por fazerem a mesma coisa muito bem feita por muito tempo. E nos dias de hoje precisamos de mais: é necessário fazer diferente", conclui Magaldi.

Governança cooperativa

Se as pessoas são o principal ingrediente para o crescimento de um empreendimento, a implantação de um modelo de governança é similar a uma receita, capaz de fazer todos os profissionais da empresa atuarem de forma conjunta e sinérgica, gerando resultados melhores e mais sustentáveis.

Na prática, a governança cooperativa é um modelo de gestão fundamentado nos valores e princípios cooperativistas, que estabelece as políticas internas e os órgãos necessários para garantir a transparência, a ética e a perenidade dos negócios. Desde 2016, as melhores práticas relacionadas ao tema foram sistematizadas no Manual de Boas Práticas de Governança Cooperativista, elaborado pelo Sistema OCB.

"Esse modelo de referência de governança tem auxiliado nossas cooperativas a melhorarem suas estruturas de gestão e, consequentemente, sua performance e competitividade", afirma Leonardo Boesche, superintendente do Sescoop/PR. Ela esclarece que todas as políticas e estruturas sugeridas pelo manual levam em consideração os princípios e as particularidades do modelo de negócios cooperativista. Afinal, somos diferentes, com orgulho, já que nossas decisões são sempre pautadas por nosso compromisso com as pessoas e com o desenvolvimento sustentável das comunidades nas quais atuamos.

"Dentro desse nosso modelo referencial, gestão e governança são duas engrenagens que devem estar funcionando sempre; e devem estar bem alinhadas porque se uma travar, a outra pode até demorar, mas trava também", explica Luciana Mattos, uma das especialistas que participaram da elaboração do documento.

O Manual de Boas Práticas de Governança Cooperativista foi elaborado por um grupo técnico constituído por profissionais do Sistema OCB, representando as cinco regiões do país. A publicação aborda conceitos e princípios importantes sobre governança aplicados às sociedades cooperativas e trata de outras questões fundamentais, como o papel de cada agente, além da função dos órgãos de administração e fiscalização. Também são ressaltados os trabalhos e a relevância dos comitês de assessoramento e das auditorias, bem como da ouvidoria, e do relacionamento constante e estreito com o cooperado.



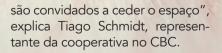


Faça o download da publicação aqui

Sucessão

Garantir a perenidade de uma empresa é um dos compromissos de um bom líder. Por isso, o gestor consciente é aquele que pensa hoje no amanhã e prepara os talentos da equipe para assumirem postos estratégicos no futuro. E é justamente por ter compromisso com seus cooperados que a Sicredi Pioneira (RS) implantou um processo de sucessão justo, democrático e transparente para os membros de seu conselho.

"O processo de escolha dos novos conselheiros na Pioneira é feito de maneira democrática e se dá por meio de uma avaliação de desempenho, realizada pelos próprios membros dos conselhos, onde todos respondem sobre cada um dos colegas. Ao final, é colocado um ranking e os últimos colocados



Um dos requisitos para ser escolhido para o cargo é a necessidade de ter formação superior. Schmidt conta que essa exigência foi votada em assembleia e que a

maior parte dos sócios entendeu a necessidade de os conselheiros de administração possuírem graduação. "Com isso, conseguimos avançar em várias questões dentro do conselho", declara.

Sobre o futuro da sucessão, Schmidt destaca: é preciso planejar agora.

"A gente não pode morrer de um dia para o outro? Essa é uma possibilidade real de saída. A partir do momento em que eu faltar, existem pessoas preparadas para que continuem a cooperativa? Essa é a nossa grande responsabilidade, enquanto gestores de um negócio cooperativo", afirma.

UM EXEMPLO A SER SEGUIDO

Algumas cooperativas já alcançaram a excelência nas áreas de governança e gestão. É o caso da Unimed Belo Horizonte, única cooperativa brasileira a conquistar o selo Pró-Ética, certificação concedida pelo Instituto Ethos e pela Controladoria-Geral da União (CGU) às companhias engajadas com a integridade e a confiança nas relações comerciais, implementando ações voltadas para a prevenção, detecção e remediação de atos de corrupção e fraude.

"Ter pessoas corretas e processos bem mapeados e organizados são os pilares mais seguros para garantir o futuro de qualquer empreendimento", revela Fernando Coelho, superintendente Administrativa-Financeiro da Unimed BH.

Outro fator importante para assegurar a perenidade dos negócios, segundo ele, é o comprometimento com a ética e com a integridade da gestão. "É necessário fazer o certo, e não o que é fácil", frisou.

Ainda segundo o superintendente, os principais passos para a realização de um trabalho ético são a transparência, a equidade entre os membros, a prestação de contas, a responsabilidade social e o compliance – conjunto de processos construído para garantir o cumprimento das normas, diretrizes e atividades do negócio, além de ajudar a detectar, tratar e evitar qualquer desvio na conduta desse conjunto.

PRINCÍPIOS DA BOA GOVERNANÇA COOPERATIVA

AUTOGESTÃO

É o processo pelo qual os próprios cooperados, de forma democrática e por meio de organismos de representatividade e autoridade legítimos, assumem a responsabilidade pela direção da cooperativa e pela prestação de contas da gestão. Os agentes de governança são responsáveis pelas consequências de suas ações e omissões.

SENSO DE JUSTIÇA

É o tratamento dado a todos os cooperados com igualdade e equidade em suas relações com a cooperativa e nas relações desta com as demais partes interessadas.

TRANSPARÊNCIA

É facilitar voluntariamente o acesso das partes interessadas às informações que vão além daquelas determinadas por dispositivos legais, visando a criação de um ambiente de relacionamento confiável e seguro.

EDUCAÇÃO

É investir no desenvolvimento do quadro social visando a formação de lideranças, para que estes tragam em seus conhecimentos de gestão e administração a essência da identidade cooperativa – base de sucesso e perpetuidade de sua doutrina.

SUSTENTABILIDADE

É a busca por uma gestão ética nas relações internas e externas para geração e manutenção de valor a todas as partes interessadas, visando a perenidade da cooperativa, considerando os aspectos culturais, ambientais, sociais e econômicos.



Quer saber quais são as prioridades do cooperativismo para a área de governança e gestão? Então dê uma olhada nas diretrizes definidas durante o 14° CBC!

MEIO SÉCULO DA OCB

POR ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas

ara celebrar os 50 anos de sua criação, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) realizou, 8 a 10 de maio, seu 14° Congresso, discutindo a construção do futuro do movimento diante do cenário econômico e político do país e do mundo, com mais de 1.300 participantes de todo o país.

Trata-se de um movimento que ganhou credibilidade ao longo deste meio século de existência, estando expressivamente presente nos diferentes segmentos socioeconômicos do Brasil, com cerca de 6.800 cooperativas atuantes que nucleiam mais de 14 milhões de cooperados. Para se ter uma ideia da importância dessas empresas, basta dizer que, na área rural, mais da metade da produção agropecuária nacional passa por cooperativas, com uma condição: a grande maioria dos associados é de pequenos e médios produtores. E, na área do crédito, o dado é ainda mais relevante: as cooperativas de crédito só cresceram depois da Constituição de 1988, na qual foram reconhecidas como integrantes do Sistema Financeiro Nacional e passaram a ser fiscalizadas pelo Banco Central,

assim como já eram os demais bancos. Com isso, a evolução recente desse setor foi tão espetacular que, se todas as cooperativas de crédito integrassem um único banco de cúpula, este já seria o sexto maior do país, atrás apenas do Banco do Brasil, da CAIXA e dos privados Itaú, Bradesco e Santander. E é um velho sonho dos líderes cooperativistas que essa unicidade seja alcançada num futuro não muito distante.

No Congresso, foram discutidos alguns temas recorrentes nunca resolvidos até então. Entre eles, foi aprovada uma recomendação de que todas as cooperativas, de qualquer ramo de atividade, passassem a ter em seu Conselho de Administração pelo menos uma mulher e um(a) jovem. Antigos líderes não gostavam dessas ideias, argumentando que nos quadros sociais não havia representantes do sexo feminino ou da juventude suficientemente preparados para assumir um cargo nos Conselhos. Com isso, inibiam o acesso a tais pessoas.

Mas desta vez ficou aprovada a tese: mesmo que não existam mulheres ou jovens já capacitados para a função e, portanto, sem condições eleitorais, a direção da cooperativa cooptará pessoas indicadas nos seus comitês feminino e de juventude, que passarão a integrar o Conselho com direito a voz e sem



direito a voto (para se diferenciar dos colegas eleitos).

Tal proposta ajudou na reafirmação de outros aspectos que têm a ver com o posicionamento das cooperativas no cenário global.

E aí ressalta a conceituação clara de que cooperativa é uma empresa; constituída sob a orientação da doutrina, margeada por valores e princípios universais, mas uma empresa. Presta serviços aos seus associados para que eles possam progredir econômica e socialmente, mas é uma empresa. Sendo assim, a cooperativa precisa estar inserida nos mercados de forma competitiva, com gestão profissional focada e eficiente, assumindo que a sustentabilidade da sua produção é elemento central da competitividade. Definitivamente, cooperativa não é sociedade beneficente, nem palco para amadores. Num mundo tremendamente concorrencial, com "guerras comerciais" legítimas ou não - com lideranças mundiais desestabilizando instituições multilaterais construídas a duras penas por décadas, dando espaço para um neoprotecionismo que afetará os países emergentes -, as cooperativas serão elemento de destaque na defesa de pequenos e médios investidores de qualquer setor econômico, garantindo, assim, a inclusão social e a preservação da democracia no planeta.

LEGITIMIDADE para crescer

AS COOPERATIVAS BRASILEIRAS JÁ TÊM A FORÇA E A MATURIDADE NECESSÁRIAS PARA AMPLIAR SUA PARTICIPAÇÃO NOS CENÁRIOS POLÍTICOS NACIONAL E INTERNACIONAL. UM DOS NOSSOS DESAFIOS É GARANTIR PARTICIPAÇÃO EFETIVA EM CARGOS ESTRATÉGICOS NO LEGISLATIVO, NO JUDICIÁRIO OU NO EXECUTIVO.

Por Amanda Cieglinski

uma questão de sobrevivência: se o cooperativismo pretende crescer no Brasil, precisamos ser reconhecidos (e admirados) por quem – pelo direito adquirido nas urnas – toma as decisões no país, seja em âmbito municipal, estadual ou federal. As leis, os decretos e as jurisprudências criados por eles têm impactos jurídicos, econômicos e tributários para nossas cooperativas.

E o grande desafio dos grupos organizados da sociedade é articular forças para se fazer presente no xadrez político, garantindo que políticos, gestores e magistrados levem em consideração os interesses dos públicos por eles representados. Com o cooperativismo não é diferente.

Há 50 anos, a OCB é a legítima representante das cooperativas brasileiras, defendendo nossos interesses no Brasil e também no exterior. E os desafios estratégicos desse trabalho foram debatidos durante o 14° Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC), em Brasília. Na ocasião, os 1,3 mil participantes debateram e priorizaram 23 diretrizes para o futuro, com vistas a melhorar a representação política das nossas cooperativas.

"O futuro é algo para ser desenhado, planejado e construído. Não é algo que você espera acontecer", apontou o presidente do Sistema OCB, Márcio de Freitas, durante a abertura do CBC, quando deputados, senadores e representantes dos poderes Executivo e Judiciário receberam a Agenda Institucional do Cooperativismo 2019 – documento que elenca as principais demandas do setor para que ele possa contribuir de forma ainda mais efetiva para o crescimento do país. Mas, para alcançar um ambiente favorável para o fortalecimento das cooperativas, é preciso empreender esforços para que o Poder Público olhe com atenção as especificidades do setor.

"Sabemos do cenário político global, das reformas que o Executivo precisa fazer, como a previdenciária, a tributária e, quem sabe, a política. Respeitamos esse timing (tempo) da política. Ao mesmo tempo, a gente apresenta uma agenda positiva: o cooperativis-



mo vem ao governo oferecer uma aliança estratégica para o desenvolvimento da nossa nação. A gente vem mostrar o cooperativismo como o aliado correto dos governos sérios. Porque nós queremos a mesma coisa: o desenvolvimento das pessoas", pontua Márcio Lopes de Freitas.

O papel do cooperativismo nesse novo contexto político e social foi o tema central da fala do ex-presidente da OCB Roberto Rodrigues. Ele deixou uma mensagem inspiradora sobre o novo momento da sociedade e sobre como o cooperativismo pode desempenhar papel fundamental na nova sociedade em rede.

"Hoje, não é mais possível, em todo o mundo, uma democracia baseada em líderes individuais, como antigamente tivemos Winston Churchill ou Mao Tsé-Tung. Talvez tenha chegado a hora em que a democracia se transforme e seja a democracia em rede, lastreada em princípios e valores universais. Ora, o cooperativismo é isso: uma doutrina universal estruturada em cada país, reunindo mais de 1 bilhão de pessoas em todo o mundo. Portanto, quem sabe tenha chegado a hora de uma democracia em rede, sob os conceitos de cooperativas? Que o mundo olhe para nós como uma nova (ferramenta) de crescimento com paz, tranquilidade e justiça", afirmou.





Encontro de presidentes: Jair Bolsonaro cumprimenta Márcio Lopes de Freitas, do Sistema OCB, no lançamento do Plano Safra 2019

"A GENTE VEM
MOSTRAR O
COOPERATIVISMO
COMO O ALIADO
CORRETO DOS
GOVERNOS SÉRIOS.
PORQUE NÓS
QUEREMOS A
MESMA COISA: O
DESENVOLVIMENTO
DAS PESSOAS."

Márcio Lopes de Freitas. *Presidente da OCB*

Ocupar espaços

A primeira prioridade elencada no CBC para enfrentar a questão da representação política é "criar rede virtual com os parlamentares da Frente Nacional do Cooperativismo (Frencoop) para municiá-los das informações e demandas do cooperativismo". A posse dos membros da Diretoria da Frente ocorreu justamente durante o CBC. Composta por mais de 300 deputados e 36 senadores, a Frencoop tem a missão de pautar os temas de interesse do cooperativismo no Congresso, divulgando e defendendo as principais ações para o desenvolvimento do setor.

Com um longo histórico de atuação no cooperativismo, especialmente no Ramo Agropecuário, o deputado Evair de Melo (ES) é o atual presidente da Frente. Durante o encontro, ele defendeu ser primordial "ocupar os espaços" na política para que se faça ouvir a voz da cooperativismo.

"Acho que o movimento tem maturidade e tamanho. Agora é ter atitude para aumentar e garantir uma participação efetiva na ocupação de cargos estratégicos no país, seja no Legislativo, no Judiciário ou no Executivo. Com os princípios, valores e a organização que temos, se nós ocuparmos os espaços políticos, vamos mudar o Brasil", defendeu.

Para o parlamentar, não se pode "negar a política" e deve-se buscar uma atuação efetiva em cargos eletivos, conselhos e outras



PRINCÍPIOS,
VALORES E A
ORGANIZAÇÃO
QUE TEMOS, SE
NÓS OCUPARMOS
OS ESPAÇOS
POLÍTICOS, VAMOS
MUDAR O BRASIL."

Evair de Melo,Presidente da Frencoop

estruturas de participação da sociedade civil. Essa ideia de expandir a presença das cooperativas no ambiente político, aliás, aparece em outras prioridades aprovadas no CBC, tais como: "ampliar a participação do cooperativismo em conselhos nacionais, estaduais e municipais de interesse", bem como "fortalecer as frentes parlamentares estaduais e a Frencoop nacional".

Seleção cooperativa

A metáfora mais repetida durante as discussões do CBC é a de que o cooperativismo não pode "jogar com um jogador emprestado", mas deve contar com os seus próprios representantes para fazer a diferença em campo.

"Imagina se cada estado brasileiro tivesse elegido três parlamentares envolvidos com o cooperativismo? Hoje nós teríamos no mínimo 90 deles altamente comprometidos trabalhando ao nosso lado, no nosso dia a dia. Mas também nas nossas prefeituras. nossas câmaras de vereadores, nossas assembleias estaduais, no nosso Executivo. Temos que investir em gente nossa para a área jurídica para fazer carreira e daqui a algum tempo ser indicada para o Supremo, por exemplo", defende o presidente da Frencoop.

"O Legislativo é o nosso principal palco, com uma intensidade de jogo muito grande. As cooperativas, cada uma a seu modo, estão fazendo muito bem feita a sua base e têm conquistado respeito dos representantes políticos brasileiros", resume o presidente do Sistema OCB. A ocupação dos espaços em órgãos e conselhos também é um desafio das cooperativas em nível mundial, aponta a presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) Américas, Graciela Fernandez.

"Hoje a América tem desafios muito importantes que são o relacionamento das representações políticas com os organismos intergovernamentais e o desenvolvimento de políticas públicas que tenham presente o tema do cooperativismo. Mas ainda devemos ampliá-lo: a ACI deve ter voz nos organismos internacionais de representação na América, como a OEA, a FAO e a FIA. Nós precisamos tirar o cooperativismo dos lugares locais", diz. Ela destaca também o Parlamento como um espaço-chave para que "se conheçam o idioma e a identidade do cooperativismo".

Exemplo

Para além do fortalecimento das frentes parlamentares do cooperativismo em nível estadual, no Espírito Santo, o movimento já deu um passo adiante. Há três anos foi criada uma comissão permanente sobre o cooperativismo na Assembleia Legislativa local. É a primeira e única do país e pode servir de inspiração para que outras sejam criadas.

A experiência tem trazido saldo positivo, uma vez que permite o debate de temas tocantes às cooperativas da região de maneira mais consolidada. "A comissão permanente tem fortalecido a agenda parlamentar do cooperativismo estadual,

fortalecendo a nossa luta e as nossas demandas. Nós temos canalizado para lá várias questões importantes inerentes da legislação dos ramos do cooperativismo capixaba. Obtivemos algumas vitórias significativas, por exemplo, na questão do transporte e da alimentação escolar, do cooperativismo de crédito, das cooperativas do agro, do café e do leite", enumera o superintende da OCB/ES, Carlos André Santos de Oliveira

A comissão reúne-se quinzenalmente, quando são convidados, além dos membros da comissão, outros deputados da assembleia e lideranças cooperativistas. "Nós nos orgulhamos muito desse trabalho e julgamos que não há como dissociar avanços do cooperativismo e o enfrentamento dos desafios e obstáculos sem reforço da luta no Parlamento", avalia o dirigente.



Além do Parlamento, seja na Câmara dos Deputados ou em assembleias estaduais, o CBC também apontou como prioridade o fortalecimento do cooperativismo nas esferas do Executivo e do Judiciário. O ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Paulo de Tarso Sanseverino recebeu a agenda institucional das mãos do presidente Márcio Lopes de Freitas durante a abertura do encontro e destacou a importância de o Judiciário conhecer nosso sistema para atuar corretamente quando é chamado a se pronunciar sobre questões que afetam as cooperativas. Ele contou que participou da cooperativa da associação de juízes do seu estado, o Rio Grande do Sul, quando conheceu as virtudes do modelo na prática.



"NÓS NOS ORGULHAMOS MUITO DESSE TRABALHO E
JULGAMOS QUE NÃO HÁ COMO DISSOCIAR AVANÇOS DO
COOPERATIVISMO E O ENFRENTAMENTO DOS DESAFIOS E
OBSTÁCULOS SEM REFORÇO DA LUTA NO PARLAMENTO."

CARLOS ANDRÉ SANTOS DE OLIVEIRA,

Superintende da OCB/ES

"Se temos uma pedra no meio do caminho e uma pessoa sozinha tentar retirá-la, não vai conseguir. Mas se 20 pessoas conjuntamente tentarem, certamente vão conseguir. Esse pensamento de **Theodor Amstad** sintetiza a ideia do cooperativismo que foi chave para todo o desenvolvimento do meu estado e para o desenvolvimento do Brasil nos mais diferentes setores", afirmou.

A agenda institucional traz o diagnóstico do monitoramento de decisões judicias, que é feito pelo Sistema OCB, e aponta temas relevantes em discussão em tribunais superiores que podem impactar o cooperativismo. "No Judiciário nós temos inúmeros acórdãos que estão nos tribunais superiores e criam jurisprudência sobre aspectos importantes do cooperativismo. As ações surgem naturalmente nas cooperativas, nas instâncias iniciais e vêm subindo aos tribunais. Quando chega aqui em Brasília, é fundamental que a gente tenha um nivelamento desses assuntos, e é importante que o Judiciário entenda os aspectos do cooperativismo", aponta Márcio Lopes de Freitas.



"O COOPERATIVISMO É
ISSO, UMA DOUTRINA
UNIVERSAL ESTRUTURADA
EM CADA PAÍS, REUNINDO
MAIS DE 1 BILHÃO DE
PESSOAS EM TODO O
MUNDO. PORTANTO,
QUEM SABE TENHA
CHEGADO A HORA DE UMA
DEMOCRACIA EM REDE,
SOB OS CONCEITOS DE
COOPERATIVAS?"

ROBERTO RODRIGUES, Ex-presidente da OCB

> Padre suíço que criou, no Rio Grande do Sul, a primeira cooperativa de crédito do Brasil, a Sicredi Pioneira, fundada em 1902, na cidade de Nova Petrópolis (RS).

Caminhos abertos

O Executivo federal também marcou presença no CBC e participou ativamente dos debates. O ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, participou do encerramento do encontro e recebeu dois documentos: uma carta de apoio à reforma da previdência e o estudo Propostas para um Brasil mais Cooperativo, que reúne as propostas das cooperativas brasileiras para ajudar nossa economia a voltar a crescer. Vale destacar: representantes de outras pastas do governo do presidente Jair Bolsonaro estiveram em constante debate e diálogo com os participantes do CBC.

Para o chefe do Departamento de Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Márcio Madalena, a presença de membros de diversos órgãos federais no encontro é um reflexo da percepção que o governo tem tido das demandas do cooperativismo. "Acredito que evoluiu muito a compreensão do governo a respeito das especificidades e dos valores do cooperativismo. No caso do Ministério da Agricultura, nós imediatamente chamamos para a mesa a OCB, que é a grande representante do setor, para nos ajudar a construir as políticas e programas porque entendemos que o diagnóstico exato e a percepção existem de maneira muito mais correta por parte da organização do que por parte do Estado", aponta.

Além da pasta da Agricultura, que apresentou os detalhes do programa Brasil Mais Cooperativo, representantes do Ministério da Cidadania e do Banco Central apresentaram programas e ações que estão sendo construídos pelo



O ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni

governo e têm potencial para beneficiar nossas cooperativas. Entre elas, o fortalecimento do programa de aquisição de alimentos e as ações voltadas para estimular o associativismo e empreendedorismo dentro do Plano Progredir, no Ministério da Cidadania.

Na Agenda Institucional do Cooperativismo 2019, no que tange ao Executivo, são apontadas necessidades de aprimoramento de políticas públicas, além de propostas que valorizam o papel das cooperativas em diversos setores. "Nós estamos apresentando 17 pontos de parcerias público-privadas e de alianças em determinados assuntos em que o cooperativismo pode somar energia com o governo para construir processos rápidos de desenvolvimento e inclusão", resume o presidente do Sistema OCB.

"O governo entende que o cooperativismo pode ser o grande caminho para o desenvolvimento do país, chegou o momento em que o Estado brasileiro olhou para um setor que deu certo, para um Brasil que deu certo", aponta Madalena. SE ACRESCENTARMOS UMA PITADA DE INTERCOOPERAÇÃO EM NOSSO MOVIMENTO, ELE CRESCERÁ - BEM MAIS E MAIS RÁPIDO - NOS PRÓXIMOS 10 ANOS

ERMENTO

Por Rita Frazão

intercooperação é um caminho seguro para compartilhar experiências, gerar renda, melhorar a performance da produção e criar redes de sustentabilidade e desenvolvimento. Apesar de as alianças entre cooperativas trazerem resultados positivos para todas as envolvidas e também para o nosso movimento, nem todas as cooperativas colocaram essa ideia em prática ainda. Estudos do Sistema OCB revelam que, de cada 10 cooperativas brasileiras, apenas sete firmaram acordos de intercooperação – um número que deve crescer significativamente nos próximos anos, se quisermos fortalecer a presenca e a imagem do cooperativismo em nossa sociedade.

O sexto princípio do cooperativismo, definido pela Aliança
Cooperativa Internacional (ACI), consiste no trabalho em
conjunto de organizações cooperativas por meio de estruturas
comuns, para benefícios de seus membros e o fortalecimento
do movimento cooperativo. A intercooperação tem natureza
voluntária e consensual, não podendo ser imposta, necessitando
do apoio e da contribuição de todas as partes envolvidas.

"Aqui, no Brasil, temos muito discurso e pouca prática quando o assunto é intercooperação", lamenta Ênio Meinen, diretor de Operações no Banco Cooperativo do Brasil (Bancoob). Quer um exemplo? Por que nem todas as cooperativas brasileiras têm conta em um banco cooperativo? E mais: por que cooperados e empregados de cooperativas têm

planos de saúde convencionais em vez dos disponibilizados por cooperativas? Se fizéssemos negócios sempre entre cooperativas, nossa participação de mercado e visibilidade seriam muito maiores.

Foram perguntas como essas que motivaram o Sicoob Credicom, de Uberlândia (MG) – terceira maior cooperativa em depósitos



totais do Sistema Sicoob, com 52 mil cooperados ligados à área da saúde – a firmar parceria com a Unimed BH (MG) e com a Federação Nacional das Cooperativas Médicas (Fencom). As três cooperativas uniram serviços para beneficiar os cooperados: o Sicoob Credicom oferece serviços financeiros aos médicos e aos empregados da Unimed BH; a Unimed disponibiliza planos de saúde aos empregados do Sicoob Credicom; já a Fencom cuida da

"Foi natural buscar essa parceria. Não devemos disputar entre a gente! Temos que somar. Por sermos cooperativistas, não somos concorrentes, somos parceiros", enaltece o diretor-presidente do Sicoob Credicom, Garibalde Júnior.

Compromisso com a excelência

Tem coisa pior do que depender de outra pessoa ou empresa para entregar um serviço? A gente faz a nossa parte, certinho, e um fornecedor atrasa a parte dele ou não cuida do produto como a gente... Esse é um

Como não existiam cooperativas de transporte na região, a Cooabriel contratava caminhoneiros autônomos para fazer as entregas de seus produtos. Não raras vezes, os fretes atrasavam pela falta de compromisso e organização dos prestadores de serviço. Resultado? Quem se desgastava com os clientes era a cooperativa.

"O custo desse serviço também acabava sendo exagerado, já que temos unidades descentralizadas pela região", recorda o vice-presidente da Cooabriel, Luiz Carlos Bastianello.

Dispostos a prestar um serviço mais qualificado, um grupo desses caminhoneiros decidiu organizar-se em uma cooperativa. Juntos, em 2008, eles fundaram a Coopcam. A primeira providência foi investir pesado em organização e planejamento. Afinal, eles têm o compromisso de oferecer produtos e serviços com excelência.

A Cooabriel acompanhou todo esse processo e não só apoiou a iniciativa como firmou um acordo de intercooperação com os novos cooperados. Desde então, ambos estão 100% satisfeitos com a parceria.

A Coopcam saiu ganhando porque já nasceu com um grande contrato em mãos e pôde investir na qualificação de seus serviços. Hoje, ela conta com 300 cooperados e uma carteira de 1.537 clientes. Já a Cooabriel tem a segurança de que seus produtos serão entregues sempre na data marcada, sem o risco de atrasos ou desperdício, nos cinco estados onde está presente: Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Minas Gerais e São Paulo.

"Se fôssemos mais intercooperativos, acho que conseguiríamos agregar ainda mais valor ao cooperativismo", conclui Bastianello.



Conheça todas as diretrizes prioritárias para o cooperativismo relacionadas à área de representação política. Elas foram definidas por 1.300 cooperativas brasileiras durante o 14° CBC.

POR QUE A INTERCOOPERAÇÃO VALE A PENA?



"O cooperativismo é como uma árvore: não sobrevive sem as suas raízes. E a intercooperação é uma das nossas raízes; ela é um dos alicerces fundamentais para a sobrevivência."

·Ênio Meinem,

diretor de Operações no Banco Cooperativo do Brasil (Bancoob)

"Se fôssemos mais intercooperativos, acho que conseguiríamos agregar ainda mais valor ao cooperativismo."

Luiz Carlos Bastianello, vice-presidente da Cooabriel

"Não devemos disputar entre a gente. Temos de somar. Por sermos cooperativistas, não somos concorrentes, somos parceiros."

Garibalde Júnior,

presidente do Sicoob Credicom



"A intercooperação é um meio para se evitar concorrência desleal, compartilhar experiências e debates; gerar renda mútua, melhorar a performance da produção, possibilitar redes e, acima de tudo, garantir a sustentabilidade das cooperativas envolvidas. O que a gente busca, realmente, nesse modelo de intercooperação, é uma sustentabilidade para os nossos associados e para as cooperativas."

Frans Borg, • presidente da Castrolanda





"Porque os resultados são excelentes para todos os envolvidos. Já temos grandes cases nessa área, mas ainda são poucos em quantidade. Precisamos achar um jeito de as cooperativas perderem o medo de trabalhar de forma intercooperativa!"

Jânio Stefanello, diretor-presidente da Coprel Cooperativa de Energia

TIPOS DE INTERCOOPERAÇÃO

Existem diversas maneiras de firmar acordos entre cooperativas, com diferentes níveis de comprometimento entre as partes. Essas parcerias podem ir desde simples processos de troca de informação a trocas comerciais com estruturas de representação internacional compartilhada. Confira:

Intecorperação local, nacional, regional e internacional: é a classificação mais básica e analisa o âmbito geográfico da parceria. Os acordos locais são válidos no município das cooperativas envolvidas; os regionais são mais amplos, abrangendo uma região, com um ou mais estados; a intercooperação nacional é válida em todo o Brasil e a internacional ultrapassa nossas fronteiras.

Intercooperação setorial e intersetorial: a intercooperação setorial é realizada entre cooperativas, centrais ou sistemas (também chamada de intercooperação intersistêmica) de um mesmo ramo. Já a intercooperação intersetorial é a realizada entre cooperativas, centrais ou sistemas de dois ou mais ramos diversos.

Intercooperação formal e informal: essa classificação envolve o formato legal da parceria. A intercooperação formal conta com estruturas ou contratos formais estabelecidos para esse fim. Já a informal tem, normalmente, mais flexibilidade e menores custos, mas acarreta maior insegurança, o que poderá causar problemas de governabilidade. No entanto, pode ser o tipo mais adequado para projetos de menor dimensão e que envolvam menos riscos, sobretudo no domínio comercial.

COMO PODEMOS CONSTRUIR JUNTOS

o cooperativismo
eres
A
D, FORAM
DORES

UM TIME DE 20 MULHERES E 20 JOVENS NOS DEU A RESPOSTA E, POR ISSO, FORAM NOMEADOS EMBAIXADORES DO NOSSO MOVIMENTO

Texto: Karine Rodrigues Fotos: Bento Viana

Foi da produção dos pequenos grãos de arroz e soja que saiu o sustento de Jessyca Leon ao longo dos seus 25 anos. Nascida em São Sepé, no interior do Rio Grande do Sul, essa jovem de riso fácil é filha de uma produtora da Cooperativa Tritícola Sepeense (Cotrisel). O cooperativismo está na vida de Jessyca desde que puxa na memória as recordações da infância, mas ganhou um novo sabor há quatro anos, quando ela também se tornou cooperativista.

Sistema OCB

Jessyca Bolzan, Jovem Embaixadora Coop Amanda de Souza, Embaixadora Coop





O grupo completo de embaixadores do cooperativismo: jovens e mulheres escolhidos para representar o futuro do nosso movimento

Novos rumos

"Como eu, Jessyca, posso contribuir para a construção do cooperativismo do futuro?" Foi com a resposta a essa pergunta que a colaboradora da Fecovinho garantiu o título de embaixadora jovem do cooperativismo. Ela produziu um vídeo caseiro que trouxe a resposta em fórmulas matemáticas: "Dividindo conhecimento, multiplicando o número de cooperativistas e somando para o time".

Para ela, ninguém melhor que os cooperativistas mais novos para fazer isso. "Estão na juventude o espírito revolucionário, o caráter coletivo e o sinônimo para cooperação de quem é, naturalmente, agente de transformação social", ensina.

A reivindicação de Jessyca é por espaço, oportunidades e investi-

mento nos jovens cooperativistas: "O jovem é um investimento a longo prazo. É ele que queremos ver lá na frente como um dirigente. Vamos prepará-los! Entre os nossos princípios estão a educação, a formação e a comunicação. Temos tudo isso para ensinar sobre o cooperativismo. Basta fazer, estudar e investir."

A gaúcha acredita que o futuro das cooperativas não depende de medidas mirabolantes, mas de dois passos simples: vestir a camisa e consumir produtos de cooperativas. "Quando você compra um vinho de cooperativa, por exemplo, não está comprando de uma pessoa, mas de mil cooperados. É o trabalho de todas as pessoas e das famílias associadas. Vinho, iogurte, leite, grãos... Tudo produzido em uma cooperativa é mais rico de conteúdo e de vida!"

Diversidade traz resultados

Já no time das Embaixadoras Coop, fala-se em temas da atualidade como chave para o futuro. Adriana dos Santos defende a necessidade de se adaptar às mudanças tecnológicas. "O cooperativismo pode ser um modelo de negócios do futuro! Para isso, é necessário acompanhar tendências que movem o mercado, como as novas tecnologias e a economia de compartilhamento. Tudo isso, levando em conta os princípios cooperativistas de ajuda mútua, compartilhamento e democratização de ganhos de forma justa", alerta.

A mineira também defende a necessidade de trazer todos os públicos para o cooperativismo. "Precisamos de mais diversidade, incluir jovens, mulheres e negros. Em um congresso como esse, por exemplo, temos pessoas de várias regionalidades, culturas e percepções que nos fazem entender mais como funciona cada cooperativa nos diferentes lugares do país", argumenta.

Uma pesquisa da Harvard Business Review reforça a sugestão da moça: empresas com maior diversidade entre os colaboradores têm 45% mais chance de aumentar a participação no mercado. As instituições que investem nesse fator podem ter resultado 35% melhor que as concorrentes, segundo pesquisa da consultoria McKinsey and Company, em 12 países. Outro dado da Hay Group mostra que os funcionários de organizações diversas têm 17% mais engajamento e 75% sentem liberdade para inovar no trabalho.

Quem também aposta na diversidade como caminho para o cooperativismo é Amanda Luiza, adotando uma perspectiva de gênero: "O cooperativismo do futuro deve ser construído com a união e o empoderamento feminino. Este é o momento de o cooperativismo ouvir suas associadas, colaboradoras e guerreiras". A advogada defende que não faltam boas ideias nas mentes femininas, mas oportunidades para apresentá-las. Como medida prática para isso, ela sugere a inserção obrigatória de mulheres e jovens em órgãos estatutários.

O jovem Neuryson Nascimento veio do Tocantins para o 14° CBC



Povo fala

COMO POSSO AJUDAR A CONSTRUIR O COOPERATIVISMO DO FUTURO?

"O Cooperativismo do futuro deve ser construído com a união e o empoderamento feminino; a mulher atual não quer elogios, quer respeito e possui grandes ideias, estando disposta a lutar por elas e pela mudança no rumo do Cooperativismo no mundo."

Amanda Luiza de Sousa Sicoob União Centro Oeste (MG) "Sendo cooperados ativos e atuantes da cooperativa, mostrando ao mundo a importância do trabalho coletivo em prol de um objetivo comum. Para isso, é preciso cada um conquistar seu espaço querendo o melhor para as gerações futuras."

Elisetei Bellettini

Cooperativa Agroindustrial Coopeja (SC)

"Disponibilizar mais espaço para que lideranças femininas possam demonstrar seu potencial com muita garra e determinação no desenvolvimento da comunidade por meio da cooperação."

Isabela Albuquerque

Lar Cooperativa Agroindustrial (PR)

"Tendo interesse genuíno no ser humano, com foco no coletivo e não no individual, cada cooperativista assumindo a missão de viver esse propósito fará do mundo um lugar melhor, mais justo e mais cooperativo."

Marlian Catarina

Credicomin (SC)











A maior cooperativa de saúde do mundo já está usando o SomosCoop. E a sua?

